

MACHADINHO E O AMOR:

A dimensão do afeto nos contos da primeira fase de
Machado de Assis

MACHADINHO Y EL AMOR:

La dimensión del afecto en los cuentos de la primera fase
de Machado de Assis

MARIA LETÍCIA SÉRIO MACHADO¹

Data em que o trabalho foi recebido: **02/03/2025**

Data em que o trabalho foi aceito: **26/04/2025**

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: serio.leticia@gmail.com ; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6135-7674>

MACHADINHO E O AMOR:

A dimensão do afeto nos contos da primeira fase de Machado de Assis

RESUMO

O presente artigo propõe analisar o conceito de amor para Machado de Assis em sua primeira fase, compreendendo como os movimentos de poder e classe atravessam os afetos da sociedade oitocentista descrita nos contos e romances do autor. Parte ainda do pressuposto de que as obras da primeira fase de Machado se articulam às temáticas e problemáticas trabalhadas em suas obras mais maduras, considerando que ali reside o embrião da complexidade de narrativa das análises psicológicas e da estilística própria do escritor. Para isso, o conto “Frei Simão”, que integra a coletânea “Contos Fluminenses” (1870), foi mobilizado para analisar os aspectos que nos levam a conceituar o amor de Machadinho como inerente às relações sociais e ao sofrimento provocado por essa dinâmica.

Palavras-chave: Machado de Assis. Amor. Contos fluminenses. Primeira fase. Frei Simão.

MACHADINHO Y EL AMOR

La dimensión del afecto en los cuentos de la primera fase de Machado de Assis

RESUMEN

El presente artículo propone analizar el concepto de amor para Machado de Assis en su primera fase, comprendiendo como los movimientos de poder y de clase permean los afectos de la sociedad decimonónica descrito en los cuentos y novelas del autor. También se supone que las obras de la primera fase de Machado están vinculadas a los temas y problemas abordados en sus obras más maduras, considerando que ahí reside el embrión de la complejidad narrativa de los análisis psicológicos y de la estilística del escritor. Para eso, el cuento “Frei Simão”, que forma parte de la colección “Contos Fluminenses” (1870), fue elegido para analizar los aspectos que nos llevan a conceptualizar el amor de Machadinho como inherente a las relaciones sociales y el sufrimiento causado por esta dinámica.

Palabras-claves: Machado de Assis. Amor. Contos fluminenses. Primera fase. Frei Simão.

INTRODUÇÃO

Nascido em 1839, Machado de Assis iniciou sua produção literária a partir da década de 1850 e seguiu escrevendo até a sua morte, em 1908. Ao longo de sua trajetória, debruçou-se sobre temas muito caros à sociedade oitocentista fluminense, como o amor, as aparências, as dinâmicas de poder, a escravidão e as classes sociais (CHALHOUB, 2003). Embora questionável, especialmente ao sugerir uma cisão na trajetória de Machado - desconsiderando a complexidade de sua vida e as continuidades e retomadas presentes em sua obra -, é comum que os pesquisadores dividam a trajetória intelectual e a produção literária em duas fases, sendo a primeira durante a década de 70, com romances como “Ressurreição” (1872), “A mão e a luva” (1874), “Helena” (1876) e “Iaiá Garcia” (1878), e a segunda inaugurada com o romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, publicado em 1881. Para este trabalho, nos interessa o Machado da primeira fase, em que seus contos e romances podem ser interpretados como experiências de estilo e de temáticas, que serão retomadas pelo maduro Machado da segunda fase. Uma das temáticas constantemente retomadas é o amor, que ganha formas, conceitos e experiências diversas nos diferentes gêneros que Machado se enveredou. É justamente sobre esse sentimento que o presente artigo se preocupa.

A PRIMEIRA FASE: MACHADINHO

Apesar de Machado de Assis ser frequentemente associado ao Realismo, seus primeiros textos demonstram uma forte influência do Romantismo, movimento literário com o qual Machado dialogou. A presença de uma noção de idealização do amor surge como parte dos elementos que o aproximam ao Romantismo, com personagens que se apaixonam à primeira vista e vivem intensas emoções. Além disso, o emprego de uma linguagem rica em adjetivos e figuras de linguagem confere um tom poético e sentimental à narrativa, e os enredos, por sua vez, frequentemente exploram situações dramáticas e emotivas, com traições, desilusões amorosas e finais trágicos. Nessas narrativas, ainda, os protagonistas, principalmente as mulheres, apresentam características típicas dos heróis e heroínas românticos, como a beleza, a sensibilidade e a busca por um amor ideal (PRIMI, 2008).

Embora essa influência do Romantismo seja frequentemente associada à Machadinho, isto é, Assis em sua primeira fase, é perceptível como, a partir de “Helena” (1876), elementos menos idealizados começam a ser incorporados em sua escrita, prenunciando sua fase madura. É nesse momento que o escritor passa a aprofundar a análise psicológica de suas personagens, explorando suas motivações, contradições e conflitos internos (PRIMI, 2008). Temáticas sociais, como a desigualdade, a hipocrisia da sociedade burguesa e a condição feminina, também passam a ser abordadas de forma mais crítica e realista, associando-se a enredos mais complexos e ambíguos, com finais abertos e personagens cujas ações nem sempre são justificadas ou compreendidas (CHALHOUB, 2003). Assim, produções desse período, embora menos conhecidas que as obras de sua fase madura, oferecem uma instigante leitura da sociedade brasileira em transformação e da complexidade da alma humana.

Nesse sentido, essa perspectiva nos indica para o conceito de amadurecimento em detrimento do tradicional conceito de ruptura aplicada à segunda fase de Machado de Assis. Parte desse conceito pode ser identificado na dissertação de Eduardo Melo França (2008), em que é trabalhado o argumento de que a divisão em duas fases - uma “romântica”, caracterizada por textos mais leves e moralizantes, e outra “realista”, marcada pela ironia, pessimismo e complexidade psicológica - é simplista e não capta a essência da evolução do autor. A ideia de amadurecimento, segundo França, implica uma continuidade no desenvolvimento do estilo e das temáticas de Machado, com os primeiros contos servindo como um “embrião” para sua produção madura. Em vez de uma quebra abrupta, sugere-se, portanto, uma progressão gradual, em que os mesmos temas e preocupações são explorados de forma cada vez mais profunda e sofisticada.

Identificamos, então, que os principais problemas e temas encontrados nos contos da fase madura de Machado já estavam presentes em seus primeiros trabalhos, incluindo o pessimismo em relação à natureza humana, a busca pela identidade, a relatividade das coisas, a loucura, a dissimulação, a relação entre aparência e essência, o papel do artista e as relações de poder (FRANÇA, 2008). No entanto, cabe mencionar que, embora os temas sejam recorrentes, a forma como são tratados se transforma ao longo do tempo, identificando nos primeiros contos narradores mais intrusivos e moralizantes, enquanto os contos maduros exibem uma maior complexidade psicológica e ironia. Pensando nessa comparação entre as duas fases, ainda existe uma relação entre os contos de Machado, tanto dentro de cada fase quanto entre as fases. Os contos maduros são vistos como uma espécie de “hipertexto” dos primeiros contos, revisitando e aprofundando temas e

personagens, contrastando com a ideia de ruptura, pois pressupõe um diálogo constante entre as diferentes partes da obra do autor.

Em suma, a perspectiva do amadurecimento propõe uma leitura mais integrada da produção de Machado de Assis, na qual a continuidade e a evolução são mais importantes do que uma divisão rígida em fases. Os primeiros contos não são vistos como peças descartáveis ou obras menores, mas sim como parte essencial do processo de desenvolvimento do autor, contendo em si as sementes de sua obra madura. Essa visão, portanto, permite uma compreensão mais rica e profunda da complexidade da obra de Machado, valorizando a evolução contínua do autor como artista e intelectual.

Nesse sentido, percebe-se como a fortuna crítica retrata a evolução da obra de Machado de Assis de diversas maneiras, refletindo as mudanças nas interpretações e análises ao longo do tempo. Os estudos sobre o autor revelam diferentes abordagens e perspectivas sobre sua trajetória literária, em especial ao atrelar uma visão sócio-histórica aos seus escritos. Uma corrente crítica, influenciada pelo marxismo, interpretou a obra de Machado como um reflexo da sociedade brasileira do século XIX, em que o escritor teria passado a satirizar e ironizar a dinâmica de troca de favores e o descompasso ideológico da época. No entanto, outras abordagens enfatizam a universalidade da obra de Machado, que transcende seu tempo e espaço (FRANÇA, 2008). Além disso, os críticos também destacam a importância da análise psicológica na obra de Machado, que explora a complexidade e as contradições do comportamento humano, sem se limitar a descrições superficiais, mas penetrando nas motivações e ambiguidades dos personagens (COSTA; TEIXEIRA, 2017).

Alguns críticos também consideram Machado como um enigma literário, um autor que desafia as interpretações simplistas e que sempre deixa espaço para novas leituras e descobertas. Sua obra é vista como um “assunto” em constante exercício literário (COSTA; TEIXEIRA, 2017). Assim, ele é visto como um mestre da palavra, que soube construir histórias e personagens memoráveis, que continuam a inspirar e provocar discussões, demonstrando sua relevância e atualidade. Isto é, as interpretações sobre sua obra variam, mas há um consenso sobre sua genialidade, originalidade e importância para a literatura brasileira.

Pensando nesse consenso, paira sobre o espectro de Machado uma perspectiva que o coloca na categoria de escritor de exceção. Esse conceito lhe é atribuído na literatura brasileira devido a uma combinação de fatores que abrangem sua originalidade, sua capacidade de análise da condição humana, seu diálogo com a realidade brasileira e sua inovação literária. Nesse sentido, Machado se

tornou reconhecido por sua profunda capacidade de analisar a alma humana. Além disso, sua escrita é caracterizada pela limpidez, objetividade e uso preciso das palavras, mesmo quando emprega metáforas, elaborando um estilo único de escrita que mobiliza as palavras com segundas intenções e propósitos espirituais.

Outro aspecto que endossa essa categorização se dá pela escrita que simula a oralidade do “contador de causos”, estabelecendo uma ligação entre o espaço natural e o homem. Considerado um mestre do diálogo, com um ouvido aguçado para as conversas do cotidiano, Machado extrai as entonações para suas construções textuais (COSTA; TEIXEIRA, 2017). Nesse jogo, ele atualiza também a língua literária, combinando a tradição escrita com a prática viva da fala. Pensando ainda nesse aspecto do cotidiano, Machado estabelece um diálogo com a própria realidade brasileira, uma vez que, embora sua obra não seja puramente um retrato desse cenário, é possível interpretar que ele a utilizava como pano de fundo para suas análises, explorando as relações de poder, as convenções sociais e as contradições da sociedade de sua época (CHALHOUB, 2003). No entanto, sua obra, ao mesmo tempo que dialoga com a realidade nacional, transcende o tempo e o espaço, tornando-o um autor de importância universal. Portanto, o processo de amadurecimento de seu estilo e a complexidade de suas ideias fazem com que sua obra seja revisitada e reinterpretada constantemente.

O AMOR, O AFETO E AS EMOÇÕES HUMANAS NOS CONTOS MACHADIANOS

Considerando os aspectos apresentados anteriormente e a vasta diversidade de gêneros literários pelos quais Machado perpassou, cabe voltarmos nosso olhar para os contos machadianos. Esse gênero pode ser analisado sob diversas perspectivas, desde sua forma até seu processo de escrita e possibilidades de interpretação, uma vez que, ao fixar formalmente uma história popular, o autor a transforma, deixando de ser apenas um organizador para se tornar o autor daquela nova versão (FRANÇA, 2008). Nesse sentido, a forma como o conto é narrado é tão importante quanto seu tema, interligando a forma e o conteúdo.

A essência dos contos de Machado reside na análise da densidade psicológica de seus personagens e suas motivações, não necessariamente no efeito do evento em si. O acontecimento no conto machadiano está a serviço do personagem e de sua análise psicológica. Tanto é que a dissertação de França (2008), questiona a ideia de que o tempo de leitura deva ser um critério para

classificar um texto como conto, como propõe Edgar Allan Poe, uma vez que os contos de Machado, embora não tão extensos quanto romances de Dostoievski, apresentam o mesmo grau de profundidade, problematização e “visão universal do homem”. Nesse sentido, os contos de Machado são densos e intensos, retratando recortes representativos da vida e amostras concentradas da psicologia humana, não apenas uma máquina de causar efeito, mas também de problematização. A força do conto machadiano reside, portanto, na reflexão inteligível acerca da narrativa interpretativa do narrador e não em um arrebatamento emocional da narrativa do acontecimento em si. O narrador inclusive é uma figura central nos contos de Machado, emite juízos e opiniões, como se estivesse em uma posição privilegiada em relação ao conto, além de definir sua forma, qualificar e se impor como único meio de conhecermos a história. No entanto, ele também permite que o leitor discorde de sua interpretação.

Além disso, a possibilidade de analisar os contos de Machado de uma perspectiva intratextual também permite entender que a forma de seus contos maduros se deve ao fato de ele ter trabalhado com temas recorrentes ao longo de sua obra. Assim, os contos maduros de Machado são fruto de uma relação hipertextual com seus primeiros contos, além de haver referências a outros autores, tanto explícitas quanto implícitas, que influenciam sua escrita (FRANÇA, 2008). A obra contista de Machado é considerada um todo coeso, com relações de amadurecimento e complementaridade.

Pensando nessa dimensão temática, os principais tópicos problematizados por Machado em suas obras maduras já estão presentes em seus primeiros contos, não havendo uma ruptura, mas uma evolução. Desde os contos iniciais, Machado demonstrava um ceticismo em relação à capacidade humana de ser tocada pela dor e desgraça alheia, revelando uma indiferença perante o sofrimento do outro, sendo possível observar em contos como “O que são as moças”, de 1866, “Luís Soares”, de 1869, “Ayres e Vergueiro” e “Mariana”, ambos de 1871 (PRIMI, 2008). Também se explorou a temática da figura do artista e seus dilemas, como a busca incessante pela perfeição, evidente em contos como “Aurora sem dia” (1873) e “O machete” (1878). A ideia de que os valores e a verdade são relativos, dependendo do ponto de vista e do contexto, também se manifestava em contos como “Cinco mulheres” (1865) e “A herança” (1878), que abordam a relatividade da dissimulação e a omissão da verdade. Assim, Machadinho buscava temas universais da condição humana, indo além da mera descrição dos costumes brasileiros. O conto “Virginius” (1864), por exemplo, ao recontar uma tragédia clássica, tratava de temas como poder, opressão e exploração, demonstrando a preocupação do autor com questões que transcendem seu tempo e espaço. O tema da

“instrumentalização” do ser humano, em que as pessoas são usadas como meios para alcançar fins egoístas, também já estava presente em contos iniciais, como “A mulher de preto” (1870) e “O Segredo de Augusta” (1870), embora muitas vezes atrelada às questões sociais e financeiras.

No entanto, cabe destacar que, apesar da presença desses temas na primeira fase, o tratamento formal e a profundidade psicológica da obra de Machado se aprimoraram ao longo do tempo. Na segunda fase, os narradores se tornam mais complexos, a ironia e o humor se intensificam e as análises da condição humana ganham maior sofisticação. Nesse sentido, os contos iniciais são fundamentais para compreender a gênese da obra machadiana e o desenvolvimento de suas ideias.

Nos primeiros contos de Machado de Assis, o amor, o afeto e os sentimentos humanos são explorados de maneira que prenunciam a complexidade psicológica e a visão cética que marcarão sua fase madura. O amor, em suas diversas manifestações, surge como um tema central nesses contos, muitas vezes atrelado a questões como casamento, infidelidade e ambição social (FRANÇA, 2008). A busca por parceiros ideais, os amores frustrados e os desejos reprimidos são recorrentes nas narrativas, refletindo a preocupação do autor com as relações humanas e a intensidade emocional dos personagens, retratado de forma dramática em contos como “Frei Simão” (1864), embora sem o aprofundamento psicológico característico da fase madura.

Os sentimentos e afetos dos personagens, ainda que muitas vezes superficiais, são as forças motrizes das narrativas, explorando as paixões, os ciúmes, a vaidade, o orgulho e outros sentimentos que movem os indivíduos (PRIMI, 2008). Dessa forma, o casamento, por exemplo, é apresentado não apenas como uma união amorosa, mas também como um negócio ou um meio de ascensão social, expondo a face interesseira das relações humanas. Como demonstram Ariès e Duby (1990), no século XIX o casamento ainda operava como uma transação entre famílias, sendo o amor muitas vezes um elemento secundário ou idealizado. A função do matrimônio era assegurar alianças e preservar o capital simbólico e econômico, lógica que Machado escancara ao retratar uniões determinadas por conveniência. Portanto, mesmo em sua primeira fase, já apresenta uma visão cética sobre a natureza humana, mostrando que as relações afetivas são frequentemente contaminadas por interesses sociais e financeiros (FRANÇA, 2008). Machado demonstra, assim, que nem sempre as atitudes humanas são motivadas por sentimentos genuínos, mas sim por interesses egoístas e ambições sociais.

Sobre esse universo de interesses que circundam as relações interpessoais dos contos machadianos, Raymundo Faoro (1974) ainda traz para a fortuna crítica de Machado o debate sobre como os relacionamentos são retratados, destacando a hierarquia social, o poder e as dinâmicas de

dominação presentes nesses vínculos. Faoro (1974) observa que os relacionamentos nas obras de Machado refletem as tensões e as contradições da sociedade do Segundo Reinado, marcadas pela coexistência de estruturas tradicionais e a emergência de uma nova ordem social. Dessa forma, o intelectual evidencia como as relações interpessoais são frequentemente moldadas pela hierarquia social e pelo poder, mostrando que as pessoas ajustam seus comportamentos e atitudes conforme seu lugar na hierarquia. Aqui, a busca por ascensão social e o desejo de reconhecimento se inscrevem como elementos importantes nos relacionamentos dos contos machadianos.

O poder se manifesta também nas relações de dependência, como entre senhores e escravos, uma vez que a política de domínio, segundo Faoro (1974), visa produzir dependentes e manter a submissão. No romance “Helena” (1876), por exemplo, a relação entre a protagonista e seus dependentes mostra como a vontade senhorial é vista como inviolável. A análise de Faoro (1974) também aponta para a importância do dinheiro como um fator que influencia as relações sociais e amorosas. Nesse caso, o romance “Iaiá Garcia” (1878) evidencia como a ascensão social por meio do enriquecimento é vista com desconfiança, mostrando como o dinheiro se infiltra no mecanismo político tradicional e afeta os relacionamentos. Já em relação aos contos, o gênero que nos interessa no presente artigo, “Aurora sem dia”, de 1870, é mencionado como um exemplo de um rapaz pobre que buscava ascender socialmente, mostrando a importância da confiança dos chefes nesse processo. Faoro (1974) também observa que, na obra de Machado, as personagens utilizam de dissimulação para manter as aparências e buscar seus próprios interesses, muitas vezes em detrimento dos outros. Essa característica está presente tanto em relacionamentos amorosos quanto em relações de poder e dependência.

Além disso, a vaidade feminina também é um tema recorrente, explorado em contos como “Linha reta e linha curva” (1865), que apresentam personagens femininas que usam o poder de sedução para manipular e conquistar seus objetivos. A busca pela conquista amorosa é retratada, portanto, como um jogo de interesses e aparências, no qual os sentimentos genuínos são frequentemente secundarizados. Em muitos contos, a vaidade das personagens femininas se manifesta através da busca pelo melhor partido, com a esperança de atrair vários pretendentes (FRANÇA, 2008). Esse cenário retratado por Machado encontra eco também nas análises de Del Priore (2011), que identifica no século XIX uma cultura em que o casamento era, sobretudo, uma estratégia de sobrevivência e prestígio para as mulheres, em que a vaidade era menos um traço pessoal do que uma

ferramenta de capital simbólico. Assim, muitas personagens femininas nutrem a ambição de um casamento vantajoso, seja por interesse financeiro, seja para ascender socialmente.

Desse modo, os contos e romances ilustram as tensões e contradições de uma sociedade em transformação, cujas relações pessoais eram frequentemente um reflexo das dinâmicas de poder da época. Eles revelam também uma preocupação com a complexidade dos sentimentos humanos e com a influência dos fatores sociais e psicológicos nas relações afetivas. O amor e o afeto nesses contos são retratados de forma multifacetada, com nuances e contradições que prenunciam a riqueza e profundidade da obra madura do autor. Nesse sentido, existe o conflito entre a “pessoa moral” e a “pessoa afetiva”, ou seja, o embate entre o que os personagens devem sentir e o que realmente sentem, que antecipa a complexidade psicológica dos personagens da fase madura de Machado, que frequentemente agem de forma contraditória e ambivalente.

Cabe mencionar também que a recepção dos contos de Machado de Assis em sua primeira fase, ou seja, antes de 1880, foi marcada por características e opiniões da crítica que, em geral, não valorizavam essa produção como parte integrante e significativa de sua obra. Alguns críticos e estudiosos da época e posteriores consideravam esses contos como menores, superficiais ou de pouca importância, em comparação com seus trabalhos da fase madura, e viam os contos dessa primeira fase como românticos, moralistas e pedagógicos, adequados ao público do *Jornal das Famílias*, onde muitos foram originalmente publicados. Eles eram considerados *vade-mécums* da arte de viver e amar para as brasileiras, com personagens e situações estereotipadas (FRANÇA, 2008). Havia, ainda, uma visão de que esses primeiros contos não se conectavam com a produção posterior de Machado, sendo vistos como um corpo estranho em sua obra, sem valor para estudos mais aprofundados e que careciam de humor e irreverência, com personagens que agiam de forma previsível e correspondiam a tipos predefinidos (FRANÇA, 2008). No entanto, embora a recepção inicial dos contos de Machado tenha sido relativamente desfavorável, é necessário reconhecer a importância desses contos para compreender o desenvolvimento da obra de Machado e a gênese de seus temas e características mais marcantes.

UM CASO PARA DIRECIONAR O OLHAR: O CONTO FREI SIMÃO (1870)

Para elaborarmos o conceito de amor para Machadinho, o conto “Frei Simão”, publicado na primeira coletânea de contos machadianos em 1870, intitulado *Contos Fluminenses*, será o objeto de

análise. A produção narra a história de um frade beneditino que, após uma vida marcada por solidão e taciturnidade, morreu odiando a humanidade. O conto é estruturado em cinco momentos, que revelam gradualmente o passado trágico do protagonista, Frei Simão de Santa Águeda. Essa organização da narrativa nos permite pensar sobre a possibilidade desse conto ser interpretado como um ensaio, uma experiência para os romances escritos pelo Bruxo do Cosme Velho posteriormente.

No primeiro capítulo, o leitor conhece o Frei Simão, que morre aparentando ser mais velho do que de fato era, devido a um tipo de adoecimento mental provocado por uma experiência traumática. Essa apresentação de Simão não se debruça mais profundamente sobre suas características físicas ou sobre seu passado, distinguindo o nome dos pais, cidade de onde veio ou marcas que pudessem o identificar. Ainda assim, se dedica a evidenciar como a sua última frase, “Morro odiando a humanidade!” (ASSIS, 2005, p. 214), tinha um fundamento plausível. Machado trás na narrativa que Simão

Tinha, quando morreu, cinquenta anos em aparência, mas na realidade trinta e oito. A causa desta velhice prematura derivava da que o levou ao claustro na idade de trinta anos, e, tanto quanto se pode saber por uns fragmentos de memórias que ele deixou, a causa era justa. (ASSIS, 2005, p. 212).

Já no segundo momento, as memórias de Frei Simão são encontradas após sua morte e revelam seu amor por Helena, sua prima órfã, criada por seus pais. A imagem de Helena é criada a partir de uma noção mais aproximada ao romantismo e ultrarromantismo, uma vez que a figura da mulher como musa inspiradora e idealizada é frequentemente evocada. O Romantismo idealizava a figura feminina, elevando-a a um pedestal de pureza, beleza e sensibilidade, sendo vista como um ser angelical, capaz de inspirar os sentimentos mais nobres no homem e que a diferenciava do mundo corruptível dos homens (ALMEIDA, 2017). Esses aspectos são visíveis no seguinte trecho:

A órfã chamava-se Helena; era bela, meiga e extremamente boa. Simão, que se educara com ela, e juntamente vivia debaixo do mesmo tecto, não pôde resistir às elevadas qualidades e à beleza de sua prima. Amaram-se. Em seus sonhos de futuro contavam ambos o casamento, coisa que parece mais natural do mundo para corações amantes. (ASSIS, 2005, p. 215)

Nesse trecho, é possível observar como a Helena de Simão se alinha à idealização da mulher oitocentista e, ainda, pode se alinhar à perspectiva de educação dessas mulheres quanto aos seus desejos e afetos, visto que as mulheres da elite oitocentista eram educadas desde cedo para o silêncio,

a obediência e a contenção emocional – virtudes associadas à figura da mulher pura, idealizada e preparada exclusivamente para o casamento. Assim, essas mulheres, por sua vez, eram obrigadas a ostentar valores ligados à castidade e à pureza, com comportamento recatado e passivo. A repressão sexual era profunda entre elas e relacionada à moral tradicional, criando um abismo entre fantasia e realidade (DEL PRIORE, 2011). Essa construção cultural legítima a passividade de Helena no conto e reforça seu destino trágico.

Ainda, pensando no Romantismo e Ultrarromantismo, o sofrimento da musa também foi explorado nesse mesmo conto. Quando o amor dos jovens foi descoberto, os pais de Simão, movidos pela ambição de casar o filho com uma herdeira rica, decidem enviá-lo em uma viagem para a província, causando sofrimento aos amantes pelo amor impossibilitado pela família, revestindo a mulher idealizada de uma aura de melancolia e sofrimento,

Helena saiu de seu quarto com os olhos vermelhos de chorar. Interrogada bruscamente pela tia, disse que era uma inflamação adquirida pelo muito que lera na noite anterior. A tia prescreveu-lhe abstenção da leitura e banhos de água de malvas. (ASSIS, 2005, p. 216).

O trecho, ainda, além de apresentar esses sentimentos, também dialoga com a pedagogia da contenção afetiva imposta às mulheres, que eram ensinadas a não demonstrar paixão, raiva ou desejo. Essa pedagogia não se traduzia em uma educação formal sobre afetos ou sexualidade, mas sim em um conjunto de normas sociais, religiosas e médicas que visavam controlar e reprimir a sexualidade e as manifestações afetivas femininas em uma perspectiva de que o prazer feminino era maldito, exagero e associado a excessos impróprios (DEL PRIORE, 2011). Nesse contexto, o século XIX assistiu a uma nova interiorização das emoções, em que o amor passou a ser intensamente valorizado, mas também rigidamente regulado — especialmente no espaço doméstico. Esse regime afetivo, paradoxal, estimulava ao mesmo tempo a valorização do sentimento e sua contenção pública (ARIÈS; DUBY, 1990), o que explica o destino melancólico e silencioso dos amantes em Frei Simão e o gesto de Helena nesse trecho. Isto é, esconder o motivo real de seu sofrimento evidencia a dor amorosa que deveria ser silenciosa e recatada, reforçada simultaneamente por um ideal de feminilidade virtuosa.

Cabe destacar ainda que essa personagem, introduzida como musa de Simão, possui o mesmo nome da protagonista do romance “Helena”, publicado em 1876, fazendo parte da primeira fase de Machado. Helena, a protagonista do romance homônimo de Machado de Assis, representa a complexa condição feminina na sociedade brasileira do século XIX, marcada por convenções sociais rígidas e pela subordinação ao autoritarismo masculino. Ela se encontra em uma posição ambígua na família

Vale, uma vez que, embora seja acolhida como filha do Conselheiro Vale, sua condição de filha ilegítima a coloca em uma posição de fragilidade e dependência. Dependência essa que circunda a consciência da ideologia senhorial, a relativização da visão de mundo e os limites da autonomia, além de se defrontar com a ambiguidade entre a submissão e a rebeldia (CHALHOUB, 2003). Del Priore (2011) ainda destaca que, no Brasil do século XIX, especialmente no meio urbano fluminense, a mulher era confinada ao espaço doméstico e ao ideal de pureza e quaisquer desvios da norma, como paixões proibidas ou desejos autônomos, eram corrigidos com exclusão, silêncio ou morte simbólica, como ocorre com Helena.

Embora essas discussões permeiem a Helena de 1876, essas dinâmicas de dependência e a incapacidade de reconhecê-la como merecedora de mesma classe social já podem ser identificadas em Helena do conto de 1870. Isso pode ser identificado no trecho em que Machado escreve que “Davam de boa vontade o pão da subsistência a Helena; mas lá casar o filho com a pobre órfã é que não podiam consentir. Tinham posto a mira em uma herdeira rica, e dispunham de si para si que o rapaz se casaria com ela...” (ASSIS, 2005, p. 215).

Nesse sentido, vale destacar ainda que, embora o conto “Frei Simão” tenha sido escrito antes da fase “realista” de Machado de Assis, ele já apresenta elementos que caracterizam sua crítica social e sua análise da condição feminina. Helena, como muitas personagens femininas de Machado, é vítima das convenções sociais e do autoritarismo masculino, sendo manipulada e privada de sua liberdade de escolha. Silenciada e sacrificada, encarna perfeitamente esse modelo, em que a mulher ideal era aquela que aceitava o destino imposto em nome do dever.

No terceiro momento, Simão é mantido na província por Amaral, correspondente de seu pai, que inventa pretextos para prolongar sua estadia, seguindo as instruções do pai de Simão. Ainda assim, os amantes se correspondiam por cartas e “Nestas cartas juravam-se os dous sua eterna fidelidade.” (ASSIS, 2005, p. 217), o que foi encarado como uma grande promessa por Simão no restante do conto a ponto de levá-lo à loucura. No entanto, a tia de Helena descobre a troca de correspondências e impede a comunicação entre eles. Simão recebe, em seguida, uma carta do pai informando sobre a morte de Helena e o encoraja a voltar para se casar com a filha de um conselheiro. Contudo, nem mesmo um grande casamento o animaria, uma vez que

Ficou Simão vivo em corpo e morto moralmente, tão morto que por sua própria idéia foi dali procurar uma sepultura. (...) A sepultura que Simão escolheu foi um convento. Respondeu ao pai que agradecia a filha do conselheiro, mas que daquele dia em diante pertencia ao serviço de Deus. O pai ficou maravilhado. (Assis, 2005, p. 218-219)

Desse modo, associa-se a ideia de amor impossível ao sofrimento.

A escolha de Frei Simão pela vida monástica ainda nos permite elaborar sobre a presença da religiosidade como elemento regulador dos afetos dessa sociedade oitocentista, por não representar uma elevação espiritual, mas sim a canalização socialmente aceita de um afeto interdito. Como discute Laura de Mello e Souza (1986), a religiosidade colonial e oitocentista operava com base na penitência, na dor e no recato como caminhos de purificação moral. A dor do amor impossível é transfigurada em clausura e o sofrimento se torna moeda de salvação. Essa lógica transforma a fé em dispositivo de repressão afetiva, em que o sagrado legitima o silenciamento das paixões e a reclusão passa a ser o destino simbólico daqueles que desafiam, mesmo que inconscientemente, a moral familiar e social.

No quarto momento, devastado pela notícia da morte de Helena, Simão decide entrar para o convento. Anos depois, em missão religiosa, ele reencontra Helena, viva e casada, em uma vila do interior,

O pregador estava a terminar, quando entrou apressadamente na igreja um par, marido e mulher: ele, honrado lavrador, meio remediado com o sítio que possuía e a boa vontade de trabalhar; ela, senhora estimada por suas virtudes, mas de uma melancolia invencível.” (ASSIS, 2005, p. 221)

Ao reconhecê-la, Simão sofre um delírio durante sua pregação, que pode ser lido como uma ruptura do controle emocional imposto pela norma religiosa. Nesse contexto, o catolicismo luso-brasileiro frequentemente convivia com experiências limítrofes entre êxtase e patologia, especialmente em contextos de reclusão em que o afeto reprimido se convertia em alucinação mística ou desordem espiritual (SOUZA, 1986). Esse delírio fazia da culpa um operador central da experiência subjetiva, uma vez que, quando o pecado não pode ser redimido socialmente, a fé, longe de curar, intensifica o sofrimento psíquico e espiritual.

Não somente o frei sofre, mas Helena também, com ainda maior intensidade do que a dor inicial vivida durante a viagem de Simão para o interior. Com isso, a aura da musa romântica que sofre retorna à narrativa, culminando no sofrimento final que é a morte de Helena, assim, “O leitor compreende naturalmente que o casamento de Helena fora obrigado pelos tios. A pobre senhora não resistiu à comoção. Dous meses depois morreu, deixando inconsolável o marido, que a amava com veras.” (ASSIS, 2005, p. 222).

Já no quinto e último momento, o delírio de Frei Simão perdura por alguns dias, após os quais ele insiste em retornar ao convento. De volta ao convento, torna-se ainda mais solitário. Anos depois, o pai de Simão, arrependido e enlouquecido pela culpa, pede abrigo no mesmo convento onde morreu, possivelmente tão louco quanto o filho. Ao fim do conto,

A cela de frei Simão de Santa Águeda esteve muito tempo religiosamente fechada. Só se abriu, algum tempo depois, para dar entrada a um velho secular, que por esmola alcançou do abade acabar os seus dias na convivência dos médicos da alma. Era o pai de Simão. A mãe tinha morrido (ASSIS, 2005, p. 222)

Nesse sentido, a partir da leitura e análise do conto “Frei Simão”, é possível traçarmos uma relação íntima entre o amor e o sofrimento como dois sentimentos indissociáveis e forjados pelas experiências individuais dos amantes. Esse tipo de percepção pode ser interpretada através de uma revisão histórica sobre o conceito de amor como uma influência do amor cortês da Idade Média e o ultrarromantismo do século XIX (ALMEIDA, 2017). No amor cortês, a idealização da amada e a busca por um amor inalcançável frequentemente envolvia sofrimento e sacrifício por parte do amante. Já no amor ultrarromântico, parte do movimento literário do século XIX, temas como a paixão desenfreada, a melancolia e a morte são abordados e associados ao amor, se aproximando, portanto, ao conceito de amor mobilizado por Machado no conto. Além disso, apesar do romantismo ter difundido a ideia do amor como sentimento puro e arrebatador, na prática social do século XIX os afetos eram moldados pela expectativa de contenção, renúncia e conformidade às normas familiares (ARIÈS; DUBY, 1990). Assim, a figura trágica de Frei Simão representa não apenas um indivíduo apaixonado, mas o produto de uma cultura que transformava o amor não autorizado em penitência e sacrifício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas discussões, portanto, “Frei Simão” se apresenta como um conto muito potente para analisar temas muito presentes na sociedade fluminense do século XIX, mesmo com o seu tamanho diminuto se comparado com outros textos de Machado. É por meio de Frei Simão que conseguimos analisar a dimensão da força do amor e do impacto devastador da perda, gerando ainda um trauma em Simão após sua separação forçada de Helena e a falsa notícia de sua morte. Com esse

trauma, o protagonista ainda entra em uma profunda dor e a um ódio generalizado pela humanidade, que culmina por fim em sua loucura. Loucura essa presente tanto em Frei Simão quanto em seu pai, podendo ser interpretada como uma consequência da dor, da culpa e da frustração. Ainda, pensando no pai de Simão, a tragédia experienciada pelo protagonista parte da ambição de seus pais que priorizam o status e a riqueza em detrimento da felicidade do filho, nos permitindo conhecer as dinâmicas de poder e classe da sociedade oitocentista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Thiago de. **O conceito de amor**: um estudo exploratório com uma amostra brasileira. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-20092017-104821/publico/Almeida_thiago_parcial.pdf>. Acesso em 21/11/2024.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução de Hildegard Feist. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v. 4.

ASSIS, Machado de. Frei Simão. In: ASSIS, Machado de. **Contos Fluminenses**. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2005.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COSTA, Márcia; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Machado de Assis e o legado da crítica: ao escritor as palavras**. Interfaces, Guarapuava, v. 8, n 2, p. 117-127, mar. 2018. Disponível em <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/download/5209/3701>. Acesso em 05/01/2025.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis**: a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. 62 p.

FRANÇA, Eduardo Melo. **Ruptura ou amadurecimento?** Uma análise dos primeiros contos de Machado de Assis. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2008. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7272/1/arquivo3549_1.pdf>. Acesso em 05/01/2025.

PRIMI, Juliana. **Mulheres de Machado**: condição feminina nos romances da primeira fase de Machado de Assis. In: I SEMINÁRIO MACHADO DE ASSIS, 1, 2008, Rio de Janeiro.

Anais do I Seminário Machado de Assis, [...], 2008. Disponível em

<http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Mulheres%20de%20Machado.%20Condi%C3%A7%C3%A3o%20feminina%20nos%20romances%20da%20primeira%20fase%20de%20Machado%20de%20Assis.pdf>. Acesso em 21/11/2024.

SOUSA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.